

Rita Félix

(1º Prémio Categoria A Prémio Utopia para Conto Literário)

Citação: Rita Félix, "Onde Vais Sebastião", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X. <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

Sebastião foi e não mais voltou. Aonde ele ia, ninguém perguntou, isto também porque já toda a gente o sabia. Foi para lá, para aquelas terras desnordeadas do norte. Não teve sorte, nem vitória, valeu-lhe a morte e a glória, ainda que póstuma a segunda e messiânica a primeira. Do que ninguém duvida é que tombou, naquele chão excessivamente perto para ser África, exageradamente longe para se cair.

E caiu, como qualquer maníaco-depressivo com imprevistas variações de humor cairia numa terra de natureza tão acre e tão doce, tão quente e tão distante. Caiu, como qualquer tolo de pretensões exageradamente patriotas cairia numa terra que não lhe pertencesse e que tivesse, ao mesmo tempo, um amor e entusiasmo tão convergentes em seu próprio âmago, como África tem.

Sebastião foi e não mais voltou, pelo menos até agora, e se o tal nevoeiro não nos confundiu, impedindo-nos de o ver claramente...

...foi, e não mais voltou, pelo menos até agora, para mal deste conto sem qualquer tipo de utilidade que teria com certeza um desfecho bastante mais interessante se D. Sebastião tivesse voltado.

Tantas vezes Sebastião pensa nesta história, se é que lhe podemos chamar "história". Acorda de noite, sobressaltado, a pensar nela. Viaja, de cacilheiro, nas manhãs ruidosas dos dias de trabalho, a pensar nela. E quando lê o jornal ou o suplemento desportivo que com ele vem, afortunadamente, às segundas-feiras, quem passa só pode ficar a pensar que ali, naquele instante, Sebastião está a pensar nela.

Então, num gesto caído e moribundo, encarta o jornal em quatro partes e olha para a frente, para Lisboa, depois para trás, para a "margem dormitório", como gosta de lhe chamar. Descansa finalmente os olhos no soalho daquele barco e pensa: quantas vezes terá ele passado por ali em todos os seus já muito longos anos de funcionário público? Por ali, exactamente por ali, onde agora os seus sapatos de pala castanhos estão pousados. Milhares, talvez centenas de milhar de vezes e, no entanto, nunca aquelas três ou quatro tábuas lhe saltaram tanto à vista como hoje. Poderá ser do sol, que hoje está incrivelmente pálido, como que envergonhado, ou talvez lhe tenha passado despercebida ao Sebastião a demão de cera acastanhada que as senhoras de bata azul deram a todo o soalho do barco. O que é certo é que hoje o chão está diferente, o sol está diferente, até Lisboa parece diferente.

Sebastião está prestes a descobrir que, a partir de hoje, tudo será diferente. Ele ainda não o sabe, porque o sol, claro está, continua a ser amarelo e o chão, embora esteja realmente menos poeirento, ainda é um chão de barco de "margem a margem" que transporta, por dia, centenas de passageiros.

Mas não demora muito, e no embalo das horas, no ruído das máquinas da sala de baixo e, mais tarde, no escritório, naquele que se faz com as pontas dos dedos quando estas batem vigorosamente contra os teclados, este poeta sebastianista vai descobrir que, afinal, não é só em batalhas que morrem guerreiros de pretensões fantasistas, de desejos quiméricos. Às vezes também morrem em gabinetes do fundo do corredor atulhados de processos judiciais que em nada se relacionam com os ideais utópicos que os fazem mover.

Sebastião pode facilmente incluir-se na categoria dos Homens que, juntamente com o seu trabalho monótono, triste e enfadonho atrás de uma secretária e de uma máquina de escrever, mais tarde substituída por um computador, constroem um trabalho paralelo, geralmente ligado à poesia, à pintura ou à fundação de herdades em montes alentejanos, e fingem que aí, pelo menos aí, são mentes iluminadas, donas de um intelecto e de uma inspiração acima da média que lhes permite sonhar em nunca mais acordar de manhã cedo para ir apanhar o barco à margem sul para chegarem à margem norte. Essa classe de Homens não tem, normalmente família ou, se a tem, dispensam-lhe pouco afecto e ainda menos tempo.

São de estatura média, com pouco cabelo e barba impecavelmente feita. Vestem-se com roupas modernas e elegantes, mas nada demasiado vistoso ou colorido. Sabem estar, comportar-se em ocasiões especiais; mantêm, quase sempre, uma conversa agradável e interessante sobre decisões políticas, escândalos policiais, novos encantos nas áreas da ciência e da medicina, embora não deixem, claro está, de ler o seu “A Bola” de vez em quando, sobretudo quando no departamento de finanças ou no gabinete de atendimento ao público de um banco qualquer o ambiente se encontra mais repousante e o ar condicionado mais ensurdecedor.

Mesmo não sendo poetas, poetas; ou pintores, pintores, querem poetizar-se ao mais alto nível, pintado, ou melhor, rabiscando cada pedaço do seu tempo com pincéis de arte e cultura trazidos à pressão e com visível afogo pelas dezenas de exemplares de revistas informativas com que forram as casas todos os meses.

Mas são artistas, isso são!, e como qualquer artista, sonham em “mudar o mundo” – expressão “mais que gasta” que significa fazer com todos à nossa volta passem a pensar como nós, ou a agir como nós, ou a trabalhar como nós, ou, como nós, a nada fazer.

Esta aspiração era a mesma que a do Sebastião.

Posso até dizer que Sebastião era Sebastião contemporâneo, uma cópia, uma moldagem, indo mais longe: o realizar de uma promessa, o concretizar de um sonho, o materializar de um mito.

Mas seria ir longe de mais: Sebastião não queria um Quinto Império com origem em Portugal e prolongamento pelo resto de África a cargo do rei de Portugal e de seus seguidores; ele queria um sopro de talento e intelecto a todos os cantos do mundo, sendo ele, Sebastião, o porta-estandarte dessa batalha.

O barco parou faltavam vinte minutos para as nove horas da manhã. Ainda tinha que andar um pedaço, mais ou menos mil e quinhentos metros até chegar à porta do prédio onde trabalhava.

Era um edifício velho, de quatro andares, sem elevador interior. Ficava no fundo de uma ruela estreita e sem o mínimo de harmonia arquitectónica. Aliás, quase todas as ruas da cidade, à excepção das da baixa, sofriam do mesmo mal. Sebastião pensou no mesmo enquanto passava por ali. Ai!, como ele desejou voltar às páginas dos seus manuais de História, mais precisamente àquelas que falavam do Renascimento, na altura em que o sentido estético da arquitectura se encontrava apurado ao máximo. Em que os edifícios eram castamente construídos, com recorrência aos brancos, às abóbadas, às colunas, a novas formas e a novos volumes, sem nunca deixar de parte a proporção, a coerência e a simetria entre os edifícios de uma praça ou de uma rua.

Era precisamente isto que faltava à cidade de Lisboa naquele instante.

E foi precisamente isto o bastante para que Sebastião empurrasse a porta do seu prédio miserável com o sobrolho carregado, a praguejar interiormente contra todos os presidentes de câmara que permitiram uma crueldade daquelas.

Lá dentro esperava-o o mesmo silêncio ensurdecedor do ventilador do ar condicionado, os mesmos colegas mal dispostos, o mesmo café insípido, o mesmo computador que não iniciava à primeira e que exigia uma leva pancada de lado para começar a funcionar. Sebastião olhou para aquilo tudo, primeiro, meio atordoado. De seguida, a expressão de incómodo da sua cara foi sendo substituída por um esgar de nojo e de repugnância. Só depois estes deram lugar ao medo: começou a sentir uma terrível sensação de frio mesmo no meio das plantas dos pés; os joelhos começaram a dobrar-se, a desfazer-se em pó cor de marfim; as unhas ganharam um tom ligeiramente esverdeado.

Não nos é merecido dizer se a cara de D. Sebastião a 4 de Agosto de 1578 era igual à de Sebastião neste dia. Ou se a sua vontade e o seu entusiasmo bélicos eram tão grandes que não lhe permitiram sentir medo sequer de um campo de batalha no início da mesma.

No entanto, vamos imaginá-lo a ele, D. Sebastião, em frente ao seu exército medíocre e mal preparado de jovens combatentes, lá, naquela terra demasiado perto para ser África, em Alcácer Quibir.

O que terá pensado? O que terá sentido? Certamente que sentiu, tal como Sebastião, um soco imundo mesmo no meio do seu peito protegido pela armadura. E com certeza que sentiu também todo o seu exacerbado patriotismo subir-lhe às goelas, como que a querer ser despejado pela boca e manchar a tão importante tentativa de construção do *Quinto Império*.

Sebastião ganhou coragem e entrou. Sentou-se pacatamente na cadeira de encosto alto do seu departamento. Pálido, como um fuso, olhou à sua volta e deu um bom dia em surdina a todos os seus colegas.

_ 'Tá tudo bem, pá? 'Tás com uma cara!

Respondeu com um sorriso amarelo, como se todo o seu ideal quase sebastianista, e digo quase porque, como já referi, não tinha como propósito a edificação de qualquer Império, tivesse sido destruído, como um vômito, pela confusão arquitectónica e laboral daquele edifício.

Perguntou-se se alguém daria conta, se alguém se aperceberia dessa sua náusea transbordante, que não era, ao fim e ao cabo, mais que uma tristeza profunda, um abatimento geral, uma penetrante desilusão.

Sebastião teve, talvez, a mesma sensação. Nem sempre a realidade se assemelha àquilo que tantas vezes sonhamos ou desejamos. Aliás, quase nunca isto acontece. Talvez também a ele a realidade o tivesse amedrontado, o tivesse amiudado. E o pensamento do não cumprimento das suas ambições e promessas fosse, tal como a Sebastião, o de agora, a razão de tal desalento e fraqueza.

É que África era muito quente, muito grande, muito coesa. Ao contrário de Portugal, que era, e continua a ser, no tempo do mais recente Sebastião, muito pequenino, fracturado e desligado.

Levantou-se a custo. Sem qualquer tipo de justificação, a provar bem o seu carácter temperamental, pegou no sobretudo que havia, minutos antes, pendurado na parede, e saiu, num gesto brusco e determinado, em direcção à manhã de nevoeiro que espreitava pela janela. O dia estava frio e só agora reparava nisso. Durante a viagem de barco, vá lá saber-se porquê, pareceu-lhe estar uma manhã soalheira de Inverno, e nem chegou a reparar na grande névoa que cobria a cidade. Por isso, abotoou o casaco, puxou a gola em torno do seu pescoço e calçou as luvas de cabedal preto que tinha guardado no bolso instantes antes de ter saído de casa.

Começou a andar em direcção a nenhures. As pessoas, com o passo estugado, passavam por ele com mal disfarçada indiferença. Por duas ou três vezes se irritou contra quem aparecia, barafustando a bom som a enorme decepção que sentia com o mundo e que não conseguia esconder. O pior é que não se lembrava de como este sentimento louco e inconsciente tinha nascido. Não sabia se nesse dia, se no dia anterior a esse. E se tivesse sido nesse dia, não sabia dizer se no barco, na rua ou no escritório.

Estugou também ele o passo até ouvir uma voz familiar pronunciar o seu nome:

_ Sebastião... Sebastião! Espera aí, homem...

Virou-se e não viu ninguém que conhecesse. Pelo menos a principio. Depois, viu um vulto cor de tijolo a mover-se no sentido contrário ao da multidão e a dirigir-se a si. Por dois segundos ponderou ir-se embora. Mas então pensou que quem o tivesse chamado já teria dado conta que ele o ouvira. Permaneceu, à espera, sem reconhecer quem vinha ao seu encontro.

_ Então, homem, não me conheces? Estás cego, ou quê?

Aí, Sebastião reconheceu a voz, e, no meio da imensidão de gente, viu surgir, vindo do outro lado da rua, o seu amigo Pires Costa. O encontro não foi muito efusivo, embora já não se vissem há quase dois meses. Começaram pelos habituais cumprimentos, as perguntas sobre as esposas, os filhos e os netos, as referências à saúde, que isto agora andava muito mal, que tinha ido a Espanha, a um médico conceituado e especialista em reumatismo e que os medicamentos que agora tomava eram tantos que até se confundia, que as reformas eram cada vez mais absurdas, mas que a vida não estava fácil para ninguém, que até o Magalhães Lemos, o do banco, estava endividado até aos ossos. Sebastião ouvia e respondia, quando tinha mesmo que responder:

_ Sim, sim... É verdade... Tens razão...

É sempre no mesmo tom lamuriante e sebo, com bafo a medicamento e a café acabado de tomar, característico daqueles reformados recentes que nada encontram para fazer se não passear vezes sem conta em frente ao escritório onde trabalhavam a invejar a sua antiga cadeira e o seu novo ocupante, lá ia desfiando desgraças, peripécias da sua tão interessante vida de aposentado, dos seus irritantes netinhos de três anos, do seu Benfica, que não tinha espírito de equipa, é pá, que este ano vamos levar com todos em cima, que já não há árbitros que nos valham, e que sim, que era mesmo assim como ele dizia.

Já estava o Sebastião preparado para dar um valente e alívioso aperto de mão ao seu muito amigo Pires Costa, quando a conversa recomeçou. Desta vez, e mais uma vez, eram as reformas, que isto assim não nos leva a nada nenhum, que o país está na miséria, que já nem na escola ensinam o que deve ser aos miúdos, que a geração de hoje em dia não quer saber de nada, que nos vão deixar entregues aos espanhóis, sem pedir muito em troca e que vamos ser uma província espanhola, e que vai ser bonito, vai, eu, espanhol, nem morto!...

Sebastião quis gritar, dizer que não se preocupasse, que não íris ser o primeiro português a tornar-se espanhol, que talvez isso até nem fosse muito mal, dependendo do ponto de visto... Mas não

conseguiu.

A cavaqueira tinha chegado ao fim, finalmente. Com um sorriso forçado, apertou a mão do seu muito amigo Pires Costa, mandou cumprimentos à esposa, aos filhos e aos netos e afastou-se, sem embaraço.

Então era isto. Então era esta a razão da sua desmesurada decepção, do seu geral abatimento, da sua triste loucura.

Nada do seu projecto quimérico, do seu ideal artístico, do seu sonho cultural, ao fim e ao cabo, da sua utopia, se pode, pelo menos por agora, realizar.

Pensou, então, que o Mundo ainda não estava preparado para a mudança que ele já ansiava na sua consciência. O mundo, mas principalmente Portugal, pensou ele. Egoísta, concluiu que éramos excessivamente pequenos, que enquanto falássemos em reformas, médicos espanhóis, caixas de medicamentos ou irreais invasões por parte de *nuestros hermanos* nunca conseguiríamos atingir aquilo que ele, Sebastião, já tinha atingido: a forma mais superior de intelecto, arte e cultura.

Mais louco foi Sebastião, Dom. *Louco, sim, louco...*, diz Pessoa, porque não se conteve, não se reservou, não parou para pensar, como Sebastião, e para concluir que ainda não era a altura, ainda não estávamos prontos, ainda éramos muito pequenos. Não esperou, não, mas quis fazer a sua utopia, quis que ela chegasse depressa, quis vê-la com os seus próprios olhos, e, louco, vencido, estagnado, morreu, numa terra demasiado perto para ser África, exageradamente longe para se morrer.

Sebastião também morreu. Morreu para o mundo tal como o conhecia. E não morreu aqui, no final da conversa com o seu muito amigo Pires Costa. Veio a morrer um bocadinho em todos os lugares por onde passou neste dia: no barco, nas ruas, no escritório... Morreu porque com ele morreu também, tal como a D. Sebastião, a sua utopia, a sua loucura, mas sem a qual não conseguiria viver.

Em pleno Século XXI ainda se fazem mitos como os que se fizeram há quatrocentos anos atrás.

Ainda há quem morra em nome de um ideal e cujo cadáver vagueie sem rumo pelas ruas movimentadas de uma cidade em manhãs de nevoeiro.

Aonde ele vai, ninguém pergunta, mas também ninguém quer saber; é que, depois, ficamos a saber com certeza onde fica a *Utopia*.